

## A Adaptação das Rotinas de Aulas de Educação Física para os Portadores de Transtorno do Espectro Autista: Breve Revisão.

Aurio de Campos Santos\*<sup>1</sup> (IC) & Thaís Cidália Vieira (PQ)<sup>1</sup>

<sup>1</sup>ESEFFEGO, Av. Anhanguera, 3228 - Setor Leste Universitário, Goiânia - GO, 74643-010

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio que afeta gravemente o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos. A escola é o local mais importante para a educação, onde a criança terá aprendizagens indispensáveis para o seu futuro, com uma educação adaptada às necessidades de cada aluno. Alguns estudos abordaram tanto a inclusão de crianças portadoras do TEA no contexto escolar, mais especificamente com educação física, mas também discorrem sobre os conhecimentos docentes sobre educação inclusiva. Dessa forma, foi realizada uma revisão bibliográfica, com o intuito de compreender as atuais abordagens sobre o autismo na escola e como a educação física vem sendo adaptada para este fim. Foram encontrados alguns artigos através de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, estudos casos e experimentações. No geral, os artigos relatam grandes benefícios da educação física para os portadores de TEA, mas também apontam para necessidade de uma melhora na formação continuada dos professores e modo a possibilitar sua atuação com esses portadores.

Palavras-chave: educação inclusiva, desenvolvimento motor, desenvolvimento social, adaptação, docente.

### Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio de origem genética que afeta gravemente o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos. O psiquiatra Plouller introduziu este termo na literatura psiquiátrica (GAUDERER, 1993) e em 1943 o também psiquiatra Léo Kanner, descreveu um grupo de crianças que tinham algumas características em comum, sendo a mais notável, a incapacidade de se relacionar com as pessoas (GAUDERER, 1993). Normalmente sendo identificados pela deficiência social, comportamental, e o complexo ato de comunicar e expressar seu entendimento e imaginação os portadores de TEA apresentam dificuldades cognitivas na fala, e atraso intelectual de forma moderada a severa, transmitindo a ideia de serem fechados e distantes dos outros (TOMÉ, 2007).

Para Hollerbusch (2001), a escola é o local mais importante para a educação, onde a criança terá aprendizagens indispensáveis para o seu futuro, sendo, então necessário, criar na escola uma educação adaptada às necessidades de cada aluno.

O TEA é uma síndrome complexa, com maior incidência no sexo masculino. As principais características são manifestadas até os três anos de idade (ESPIRITO

SANTO, 2011). As principais alterações encontradas em um indivíduo com Transtorno do Espectro Autístico (TEA) incluem problemas de fala e gestos, problemas de interação social, geralmente parecendo isolado, interesse por atividades restritas, repetitivas e estereotipadas. Os movimentos corporais estereotipados incluem bater palmas, estalar os dedos, balançar-se, inclinar-se abruptamente, oscilar o corpo e postura, como caminhar na ponta dos pés (BELISARIO JUNIOR & CUNHA; 2010). As formas mais graves apresentam sintomas como autodestruição, gestos repetitivos e comportamento agressivo, muito resistentes a mudanças, necessitando de tratamento e técnicas de aprendizagem muito criativas e inovadoras (GAUDERER, 1993).

A inflexibilidade e a dificuldade de antecipação de indivíduos com autismo, seria o que promoveria as dificuldades em uma relação social, manifestadas através da obsessão por estímulos repetitivos e rígidos, sendo o indivíduo com TEA capaz de escutar inúmeras vezes a mesma música, percorrer sempre os mesmos caminhos, manter os objetos de um lugar sempre na mesma posição, dentre outras atitudes (BELISARIO JUNIOR & CUNHA; 2010). Diante das características dos indivíduos com TEA, é possível fazer uma pergunta. Existe algum benefício da educação física para os portadores de TEA?

“Os professores têm que saber ensinar e, concomitantemente, distrair e divertir, mantendo uma relação positiva com cada aluno, pares de alunos e o grupo” (HOLLERBUSCH, 2001, p. 83). No entanto, um dos principais desafios versa justamente na aparente incapacidade dos portadores de TEA em se relacionar em grupo.

De acordo com Silva et al. (2008) a inclusão é um paradigma, com reflexões sobre a Educação e mais precisamente sobre a Educação Escolar. No contexto da inclusão escolar para pessoas com necessidades especiais, a educação física está em vantagem quando comparada à outras disciplinas, pois procura compreender as deficiências e a melhor forma de adaptá-las. A inclusão parece propor uma visão diferenciada de escola, ensino, educação e de Educação Física. O paradigma da inclusão escolar, coloca a necessidade de redimensionamento de tempo e espaço, com educadores aproveitando as propostas e experiências bem-sucedidas (Silva et al., 2008). Dessa forma, o objetivo deste estudo é mostrar a partir de alguns trabalhos publicados, um panorama atual sobre a educação física para crianças diagnosticadas com TEA.

## Material e Métodos

Foi realizada revisão abordagem qualitativa de trabalhos publicados em diferentes periódicos. Foi realizada busca em plataforma como Scielo e PubMed, Google Acadêmico e periódicos CAPES. As palavras usadas incluíram combinações de autismo, educação física e inclusão.

## Resultados e Discussão

No geral pode-se verificar que os trabalhos são mais exploratórios e constituem revisões ou reflexões acerca do autismo e sua relação com a educação

física, muito mais do que tratam o tema como educação inclusiva ou como utilizar a educação física como ferramenta para inclusão do portador de TEA. O primeiro aspecto observado nos estudos trata sobre o fato da inclusão esbarrar na formação do educador. Vaz (2009) identificaram uma falta de conhecimento sobre o tema inclusão por parte dos diretores de uma escola, tendo a diretora afirmado que a inclusão “é uma coisa teórica”. Da mesma forma, a direção não apresentou clareza ao ser abordada se a escola em que atua é uma escola inclusiva. O mesmo fato foi verificado pelos autores em relação ao professor de educação física da escola, que apesar de parecer entender um pouco do assunto não soube apresentar planejamento para inclusão. Na cidade de Jataí-GO, por exemplo, foi observado que os professores de educação física não conseguem lidar com os alunos portadores de TEA nas escolas públicas (SOUZA & ASSIS, 2015). Os autores discorreram que a relação dos profissionais com os portadores de TEA ainda é distante, originada do desconhecimento do assunto que, segundo esses sujeitos, parte tanto de sua formação inicial quanto continuada. A verificação em campo mostrou uma abrangência de limites, dificuldades e problemas encontrados a respeito da inclusão de alunos autistas nas escolas públicas.

Tomé (2007) discorre sobre uma revisão bibliográfica para relatar sua experiência como professor de educação física trabalhando com indivíduos portadores de TEA. O autor faz uma revisão dos métodos aplicados à portadores de TEA, incluindo aspectos da avaliação do aluno, abordagem durante as atividades. O autor aponta que para obter um melhor desenvolvimento social e condição física do portador de TEA a educação física auxilia também outros aspectos, muito importantes para um avanço significativo no convívio social e comportamental, com consequente melhoria do estado emocional, diminuição das estereotípias e melhoria na concentração. O autor conclui que para ser bem-sucedido o professor tem que saber distrair e divertir, mantendo uma relação positiva com cada aluno, pares de alunos, o grupo e seus colegas não deficientes.

Camargos Jr. *et al* (2005) discorre que é importante o treino dos professores que trabalham diretamente com crianças com TEA por pessoal qualificado e que a supervisão seja constante. O autor ainda relata que é essencial essas crianças terem um acompanhamento de profissionais multidisciplinares como fonoaudiólogos, terapeutas educacionais e professores de educação física. Dando ao professor de educação física o papel de trabalhar para desenvolver a coordenação de globalidade fina e grossa das crianças, além de adaptar equipamentos como cadeira de rodas e andadores. Para Souza & Fachada (2012) as atividades devem melhorar o condicionamento físico da criança autista, melhorar a integração social, diminuir padrões estereotipados e melhorar a concentração. Introduzir uma criança autista em uma atividade física seja ela individual ou coletiva exige uma atenção especial do Professor de Educação Física.

Recentemente, Lourenço et al. (2015) realizaram uma revisão de trabalhos experimentais sobre o temas. Foram avaliados 18 trabalhos realizados entre 1974 e 2011. Avaliando os resultados desses estudos os autores verificaram que ocorriam melhorias na população estudada, mas que os estudos abordavam grupos pequenos, com maioria de crianças e adolescentes portadores do TEA.

Silva Júnior (2013), avaliou a motricidade global de 27 crianças autistas entre 7 e 14. Todas as crianças apresentaram índices abaixo do normal. O autor concluiu que há uma grande limitação na coordenação motora das crianças autistas e a necessidade das mesmas serem submetidas a programas motores regulares

que visem à possibilidade de um aprimoramento e desenvolvimento dessa capacidade.

Uma experiência bem-sucedida sobre a relação educação física e melhora do TEA está no projeto PNE Sports da Universidade Castelo Branco campus Realengo, Rio de Janeiro (SOUZA & FACHADA, 2012). O projeto atuou com atingir cerca de 200 pessoas portadoras de necessidades especiais da região de Realengo e a Zona Oeste do Rio de Janeiro, proporcionando atividades esportivas, ações socioculturais e palestras de assistência social. Através do método de pesquisa qualitativa com questionários fechado, os pais de portadores de TEA relataram melhora dos movimentos estereotipados e diminuição na agressividade de seus filhos. Além disso, os pais relataram fortalecimento dos laços familiares entre os portadores de TEA e demais componentes das famílias. Segundo os autores a elaboração de um programa de atividade física para a criança autista deve ter como principal objetivo, socializar a criança e melhorar a base familiar. A dificuldade de socialização do autista é um grande desafio para o professor de educação física, já que em muitos casos a criança preserva sua inteligência e cabe ao professor de educação física desenvolver atividades que estimulem a integração, cooperação e o trabalho em grupo.

Verificar a representação emocional de crianças portadores de TEA diante de um programa de intervenção motora aquática foi objetivo do estudo de Lô & Goerl (2010). Foi um estudo de caso, com três crianças do sexo feminino, idade entre 11 e 14 anos, com diagnóstico de autismo que participam do Programa de Atividade Aquática para Deficientes Intelectuais Moderados da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O ambiente aquático favoreceu de forma significativa o reconhecimento e assimilação dos sentimentos e emoções próprios das participantes, e também permitiu um melhor entendimento dos sentimentos das pessoas envolvidas no meio com a qual estavam inseridos.

Mais recente, Lourenço et al. (2016) avaliaram a aplicação de exercícios em trampolim em 17 crianças portadoras de TEA. Os autores concluíram que a participação das crianças em programas com a inclusão dessa modalidade de exercício pode favorecer a melhora da condição motora desses indivíduos.

## Considerações Finais

Diante do levantado nesta breve revisão, pode-se chegar a algumas conclusões. Na maioria dos trabalhos, discutiu-se que o professor de educação física deve saber lidar com a diversidade cognitiva que os alunos apresentam, de forma que os ajudem a desenvolver através de atividades lúdicas, benefícios para um melhor convívio e interação social. Isto é aplicável não só aos portadores de TEA, mas a todos os alunos. Ainda hoje há problemas de entendimento sobre o que é educação inclusiva, inclusão e como lidar com crianças com necessidades especiais.

Respondendo parte desses questionamentos, principalmente em relação ao tema deste estudo, aparentemente são pouco os trabalhos que, de fato, trazem resultados conclusivos, mostrando que antes de ser esgotado o tema parece ainda estar em estágio inicial de conhecimento. Por estes motivos conclui-se que ainda não são claros os benefícios da educação para portadores de TEA sendo os resultados pontuais. Porém, as observações levantadas são extremamente

relevantes para o desenvolvimento de outros estudos no campo da educação física, pois contribuiu para demonstração da realidade atual, e destacou a importância de se estudar propostas e possibilidades de trabalho não só com os alunos autistas, mas também com outras necessidades especiais, além de defender a importância da educação física para o desenvolvimento da criança autista, em alguns aspectos.

## Agradecimentos

Inserir aqui agradecimentos. (fonte: Arial, 10).

## Referências

- BELISÁRIO JÚNIOR, J. F. B., CUNHA, P. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar – Transtornos Globais do Desenvolvimento**, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- CAMARGOS JR., W.(org). **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio**. 2. ed. Brasília: CORDE, 2005. DUCAN, J. Disorganization of behavior after frontal lobe damage. **Cognitive Neuropsychology**. 1986, v.3, p.271 -290. Disponível em:<<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02643298608253360#preview>> acesso em: 10 de junho de 2017.
- ESPIRITO SANTO, L.A.A. **O comportamento de crianças com Transtorno do Espectro Autístico no contexto de educação musical: estudo de caso**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. 2011 , p-1 11 . Disponível em: <[http://www.ppgtpc.ufpa.br/documentos/Mestrado/Lady%20Anny%20Santos%20disserta%C3%A7%C3%A3o\\_vers%C3%A3o\\_final\\_.pdf](http://www.ppgtpc.ufpa.br/documentos/Mestrado/Lady%20Anny%20Santos%20disserta%C3%A7%C3%A3o_vers%C3%A3o_final_.pdf)> acesso em: 15 de maio 2017.
- GAUDERER, E. C. **Autismo**. 3ª ed. São Paulo: Atheneu, 1993.
- HOLLERBUSCH, R. M. da S. L. **O desenvolvimento da interação social das crianças com alteração do espectro do autismo: Estudo exploratório da influência da educação física na promoção do relacionamento interpessoal**. Universidade do Porto, 2001. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10135>>, acesso em: 8 de maio 2016.
- LÔ, ELIANA N; GOERL , DANIELA B. **Representação Emocional de Crianças Autistas Frente a um Programa de Intervenção Motora Aquática**.
- LOURENÇO, C.C.V., ESTEVES, M.D.L., CORREDEIRA, R.M.N, TEIXEIRA E SEABRA, A.F. **Avaliação dos Efeitos de Programas de Intervenção de Atividade Física em Indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 21, n. 2, p. 319-328, Abr.-Jun., 2015
- LOURENÇO, C.C.V., ESTEVES, M.D.L., CORREDEIRA, R.M.N, TEIXEIRA E SEABRA, A.F. **A Eficácia de um Programa de Treino de Trampolins na Proficiência Motora De Crianças Com Transtorno Do Espectro Do Autismo**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 22, n. 1, p. 39-48, Jan.-Mar., 2016

- SILVA JÚNIOR, LOURIVAL . **Avaliação do perfil motor de crianças autistas de 7 a 14 anos frequentadoras da Clínica Somar da Cidade de Recife – PE.**  
Trabalho de conclusão de curso, UEP, 2013.
- SILVA, RÉGIS H. DOS REIS; SOUSA, SÔNIA B.; VIDAL, MARIA H. C.. ***Dilemas e Perspectivas Da Educação Física Diante Do Paradigma Da Inclusão.*** UFG, pág.125-135, Goiânia, 2008.
- SOUZA, GUILHERME L. DE; FACHADA, ROSANA. **Atividade física para crianças autistas. Reconstruindo a base sócio familiar.** Revista Digital EFDeportes, N° 173, 2012.
- SOUZA, J.R, ASSIS, R.M. Limites E Possibilidades Do Trabalho Com Alunos Autistas Nas Aulas De Educação Física. **XII Semana de Licenciatura, II Seminário de Pós-graduação em Educação Física para Ciência e matemática, I encontro de Egressos de Mestrado, IFG, Jataí-GO, 2015.**
- TOMÉ, MAYCON C. **Educação Física como Auxiliar no Desenvolvimento Cognitivo e Corporal de Autistas.** Movimento & Percepção, v.8, n.11, p.231-248, 2007.
- VAZ, RENATA C.S. **Inclusão e educação física escolar: realidade e possibilidade para o aluno com autismo na escola comum.** Rev. Olhares e Trilhas. n. 10, p.49-63, Uberlândia, 2009.